

BIBLIOTECA
UNEMAT

Campus Univas - Universidade Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 0044460

Data 08 / 10 / 2007

() Compra (x) Doação () Permuta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

VERA LUCIA QUINTINO

OS RECURSOS DO NARRADOR NA CONSTITUIÇÃO DE
MACABÉA

82.09
a7n
ex.01
C 92568913

Pontes e Lacerda, MT
2007/1

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATOGROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

VERA LUCIA QUINTINO

**OS RECURSOS DO NARRADOR NA CONSTITUIÇÃO DE
MACABÉA**

Monografia de conclusão de curso de graduação, apresentada ao Departamento de letras da Universidade Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras.

Orientador: Prof. Weberson
Fernandes Grizoste.

Pontes e Lacerda - MT

2007/1

BANCA EXAMINADORA

**Membro: Prof. Walmira Sodré Grizoste.Austriaco
Moraes.**

Membro: Prof. Epaminondas de Matos Magalhães.

Prof. Orientador: Weberson Fernandes

Aprovada em: __/__/__

Nota_____

Convite solene

Aleluia.

Louvai ao Senhor no seu santuário; Louvai-o no firmamento do seu poder. Louvai-o por seus prodígios, louvai-o pela sua imensa grandeza.

Louvai-o ao som da trombeta; louvai-o com o saltério e a cítara.

Louvai-o com tímboles e em coro; louvai-o com instrumentos de corda e com órgão.

Louvai-o com címbalos de júbilo.

Tudo o que respira louve o Senhor. Aleluia

(salmo 150)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me governou, me deu força e sabedoria para chegar até aqui. Agradeço em especial, a meus pais, a meu pai que foi o anjo que me amparou durante este curso e minha mãe, que foi as asas deste anjo, dando força para continuar. As minhas irmãs que me ajudaram nas horas mais difíceis deste caminho tão complicado. Aos meus filhos, que viveram cada momento difícil junto comigo e estiveram do meu lado, mesmo tendo que estar tanto tempo sozinhos, meus dois tesouros. Aos meus mestres que foram maravilhosos durante estes anos de graduação. Aos colegas de curso, as minhas amigas adquiridas neste curso, maravilhosas e fiéis. E a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram a estar hoje aqui.

RESUMO

Este trabalho está focado no narrador do romance “Hora da Estrela” que se trata de uma obra completa que aborda vários aspectos; social, cultural e econômico. É narrada em primeira pessoa, num relato confidencial de quem conta uma experiência autobiográfica, a obra se constrói a partir do desdobramento da própria narrativa, de modo que cada história é a anterior (autobiográfica), acrescida de novos elementos. É uma narrativa lenta que adia o encontro com o fim da existência, recusando-se assumir uma forma finita e definitiva. Observamos que para driblar a morte a obra se fecha sobre si mesma, transformando o fim inevitável num eterno começo, desafiando assim seus próprios limites; os limites do tempo, os limites do espaço e de gênero. Sendo assim trabalhamos na obra já citada o indivíduo, como centro de sua história, e assim, trabalhando seus sentimentos e pensamentos, como uma técnica de escrita muito intimista ao promover total absorção dos fatos psicológicos, em que reflete sobre o íntimo do ser. Esta obra é enriquecida de mecanismos lingüísticos, em que as antíteses, paradoxos e analogias dão nova roupagem as palavras, que a cada página proporcionam, um novo encontro, um sentimento diferente no exprimir das palavras. É possível notar nesta pesquisa que, Clarice Lispector não se apegava ao enredo da obra, pois este se torna secundário, diante da necessidade de trabalhar, o indivíduo existente na obra, que seguirá o fluxo de consciência e passará pelo momento de epifania, predomina também o tempo psicológico e o monólogo interior, o espaço exterior tem importância secundária, uma vez que a narrativa concentra-se no espaço mental das personagens, a náusea também se faz presente na obra. Apesar de abordar vários aspectos dentro da obra, não foi possível abordar todas, pela sua complexidade.

Palavras chave: Narrador, introspecção, preconceito, morte e estrela.

Sumário

Introdução	8
I- A visão do narrador	11
II- Uma Macabéia entre tantas	20
III- Recursos estilísticos	40
Considerações finais	44
Referências Bibliográficas	46

Introdução

O romance “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector, o último romance publicado em vida, (1977) é uma obra que melhor articula, o encontro das várias pontas da ficção, nele está o problema da representação e a importância da linguagem, para comunicar a essência da coisa; dificuldade de compreendê-lo, o problema da fome, da miséria, da desigualdade social e suas consequências; além de uma outra questão sutil e complexa, para qual poucos artistas atentavam; a relação do escritor e da literatura com o mercado e com a indústria cultural.

O primeiro capítulo aborda a visão do narrador na construção da personagem Macabéa dentro da obra, apresentamos a duplicidade de vozes dentro da narrativa, sendo que, esta obra é narrada em primeira e terceira pessoa, colocando o narrador dentro da história. A ambigüidade presente na autoridade imposta por Clarice Lispector na apresentação de sua assinatura na página dos treze títulos e no desdobramento do narrador como personagem de si mesmo.

Em uma narrativa que discorre de forma gradativa construindo a personagem e sua história de maneira envolvente e sedutor o narrador se assemelha a um oleiro na construção do vaso na visão de Benjamim (1985), que é capaz de afirmar uma autobiografia presente nesta obra.

O segundo capítulo trata-se da personagem Macabéa, que é construída por Rodrigo S.M, de forma bastante complexa, colocando a personagem a

surpreender o leitor a cada momento de sua construção, mostrando-se esférica dentro da obra. Para Antônio Cândido esta é a sua maior complexidade. O nome Macabéa é uma ironia aos Macabeus, personagens bíblicos que são apresentados como força contraditória a fraqueza de Macabéa dentro da obra. A epifania presente na obra com a afirmação de Campedelli (2001), onde acontece o privilégio da revelação iluminada que acontece na vida da personagem Macabéa dando sentido a sua existência no mundo. Macabéa tem o privilégio de mergulhar em seu íntimo e descobrir o valor do existir.

No terceiro capítulo abordamos os recursos estilísticos utilizados pelo narrador na construção da sua narrativa. Neste capítulo destacamos a forma introspectiva e intimista da autora Clarice Lispector conduzir a obra, de maneira coerente e condizente com a época da publicação da obra já citada. Apresentamos também a estrutura e o desempenho da linguagem utilizada por Clarice em uma maneira própria de construir a narrativa.

Havendo portanto um conjunto de temas complexos e importantes; a construção do romance, a diferença de classe entre narrador e personagem e as disparidades da situação econômica, social e cultural.

A obra já citada acrescenta uma, dimensão explicitante social ao universo ficcional intimista da escritora. Opção muito fiel a si mesma; ao traçar a história simples de Macabéa, ao escrever uma história aparentemente "exterior e explícita", ela apenas utiliza de seus habituais procedimentos de exploração da interioridade subjetiva para introduzir seu olhar nas entranhas da realidade social brasileira.

Dentre inúmeras possibilidades de abordagem que a obra de Clarice Lispector nos oferece, aquelas referentes, a questão da desigualdade social, cultural e econômica, na visão do narrador, que é o ponto norteador do nosso trabalho, simultaneamente efetivar uma produção de uma análise temática e formal.

I- A visão do Narrador

A Hora da Estrela é a obra de Clarice que melhor articula o encontro das várias pontas da sua ficção, nela está o problema da representação e a impotência da linguagem para comunicar a essência da coisa, dificuldade do sujeito de uma classe social desfavorecida e, portanto, a dificuldade de compreendê-lo, o problema da fome, da miséria, das desigualdades sociais e suas conseqüências, além de uma outra questão sutil e complexa, para qual poucos artistas atentam: a relação do escritor e da literatura com o mercado e com a indústria cultural. Havendo portanto um conjunto de temas complexos e importantes.

A personagem central do romance “A Hora da Estrela”, Macabéa, é apresentada por Rodrigo S.M. como uma moça simples que vem de uma região pobre do Nordeste e, reside no Rio de Janeiro, o narrador revela-a como uma mulher miserável que não tem consciência de si, perde a sua tia, único parente vivo e referência familiar, encontrando-se sozinha no mundo e em uma cidade a grande procura de outros rumos; na metrópole do Rio de Janeiro, que vem a ser símbolo de prosperidade para regiões mais pobres como o Nordeste. Uma região mais rica que traz a ilusão de vida melhor a nordestina Macabéa que aluga um quarto e começa a trabalhar como datilógrafa, uma vez que foi a única coisa que aprendeu em sua vida, pois a tia é que dera um curso ralo de como bater a máquina.

Possuía apenas “o terceiro ano primário” e trazia consigo a condição de integrante de uma massa que compõe o proletariado deste mundo onde o mais fraco e com menor informação vale menos e ocupa os lugares que ninguém quer na sociedade capitalista.

Nas horas vagas ouve a rádio-relógio, único divertimento para ela. Descobre através deste meio de comunicação algumas palavras novas, mas não as compreende. Começa então namorar um rapaz por nome Olímpico de Jesus, um metalúrgico nordestino. Rapaz este que não possui as mesmas dificuldades que Macabéa, pois não sofre a mesma discriminação pelo fato de ser nordestino e pobre, seu emprego lhe dá melhores condições de vida e um certo status, levando Olímpico então a ser o que chamamos de sudestilizado, cidadão nordestino que se desprende de sua região de forma que passa a se sentir um cidadão natural da nova região em que reside, neste caso o sudeste.

Olímpico possui objetivos e grande vontade de vencer na vida, não dispensa nenhuma oportunidade que lhe é apresentada, para ele até roubar e matar são válidos. Embora pertencente a mesma classe que Macabéa, é um homem ambicioso, que no decorrer do enredo, troca Macabéa por Glória, sua única colega.

A composição do romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, aborda a desigualdade social por ser estruturado em forma de camadas, sendo que a camada inferior está representada na obra por Macabéa, sendo que ela é nordestina, pobre, quase analfabeta, e franzina; a camada superior é representada pelo seu chefe, Senhor Raimundo, dono de uma fábrica de roldanas e, um homem “dado a literatura”, possuindo então um

conhecimento infinitamente superior ao de Macabéa. Dentro desta camada encontra-se também Rodrigo S.M. o narrador- personagem da obra que por sua vez também é nordestino mas intelectual, escritor, toma vinho branco, e se alimenta de frutas enquanto escreve a história pobre da nordestina em questão.

Em um nível mais externo situa-se a autora Clarice Lispector, que se apresenta enquanto personagem. Nas primeiras páginas da obra representa as dificuldades do narrador mostrando propositadamente ao leitor a pobreza da personagem e sua história, e com isso descreve as dificuldades do narrador, que não quer ou não consegue se esconder em função da história que se põe a contar. A partir do desdobramento dentro da obra, Macabéa não reconhece Clarice como autora e, se coloca como o deus criador da sua criatura Macabéa, assim, o narrador Rodrigo S.M. parece estar sob a ação de duas forças contraditórias; a pressão dos fatos da história de Macabéa e o medo do confronto direto da mesma história, que o leva a adiar a narrativa, resultando na manipulação da mesma mediante uma invasão constante do espaço da personagem.

Em alguns momentos ele adia o curso da narrativa e em outros momentos ele a interrompe bruscamente, fragmentando o enredo. O narrador coloca assim o leitor diante de uma história que procura dar a personagem atributos capazes de encher os olhos, mesmo sendo ela sem nenhum atrativo e sem história passada que valha a pena ou futuro que possa ser promissor. Sendo assim, Rodrigo tenta ocultar-se da modesta história de Macabéa, mas nunca deixa totalmente de mostrar sua cara.

O medo do confronto de ser afetado pela carência e pobreza do “outro” é escolhido sob muitos tipos de arbitrariedade. “Mas desconfio que toda essa conversa é feita apenas para adiar a pobreza da história, pois estou com medo.” (Lispector, 1998 p.17)

A insignificância de Macabéa e sua pobreza é caracterizada pelo narrador, que por sua vez faz o possível para torná-la atraente aos olhos do leitor e propor uma certa importância a esta história pobre.

Nesta obra a presença de Clarice Lispector como autora do romance parece cumprir duas funções; a primeira é mostrar os limites entre a realidade e a ficção, instruindo a segunda como um derivado da primeira ao se desdobrar em personagem de si mesma.

Apenas em dois momentos Clarice explicita sua posição de autora do romance. A primeira intervenção são os parênteses descritos (na verdade Clarice Lispector 1998,p.9) que aparece como subtítulo na dedicatória do autor e de uma forma mais explícita é a assinatura da página seguinte que destruiu a disposição gráfica dos treze títulos (LISPECTOR,1998,p.8) cuidadosamente organizados para formar a ponta de uma estrela e/ ou uma pirâmide social.

A ambigüidade do primeiro gesto diz respeito a questão da autoria em si. Ao romance assinado por ela, institui-se como personagem de si mesma, aparecendo como uma das múltiplas facetas ou máscaras de Clarice autora.

Uma outra presença, que disputa com a do narrador, insinua-se nessa modalidade de fala: a presença da própria escritora, já declarada na dedicatória da obra, e cuja interferência estende-se à sua caprichosa denominação, “A Hora da Estrela” sendo apenas um dentre treze títulos diferentes que lhe podem ser atribuídos. Sustentando, pois, a sua máscara pública de ficcionista acreditada ao identificar-se com S. M. na verdade *Clarice Lispector* e por intermédio dele com a própria nordestina, Macabéa a quem se acha

colado o autor interposto, *Clarice Lispector*, que dedica o livro, “esta coisa aí ao Schumann e sua doce Clara que são hoje ossos, aí de nós” (7). Não só dedica seu livro a outros como se dedica. (NUNES, 1989, P.164-165)

O segundo aspecto dessa interferência em que a autora invade o espaço do narrador Rodrigo S.M., por ela mesma instruído, não é senão uma repetição desse mesmo desdobramento num outro nível. Aparecendo assim três níveis de autoria, não havendo apenas um autor, e sim um complexo narrativo, cuja estrutura de camadas sobrepostas, denuncia a desigualdade interna de sua organização, estabelecendo uma correspondência perfeita com a estrutura do universo ficcional do próprio romance. Essa questão do outro, como desdobramento do eu já está presente desde o seu primeiro romance “Perto do Coração Selvagem” publicado em 1944.

O narrador dirige-se ao leitor e o próprio narrador. Sendo o narrador o primeiro leitor, e também o seu primeiro crítico. O leitor que cada narrador tem de si mesmo, manda substituir palavras, eliminar capítulos, introduzir outros, caracterizar certas personagens, rescrever tudo ou parte de tudo. (SCHÜLER, 2000 P.36)

A ambigüidade da figura do autor pode desempenhar ao mesmo tempo o papel do autor e personagem; percebe-se que o autor e narrador se cruzam na obra; Rodrigo escreve a história de Macabéa que ao mesmo instante se torna um observador, narrador onisciente que sabe perfeitamente a história da personagem. A ambigüidade manifesta-se ainda em nível de uma sobreposição de papéis ou de funções que dificultam a delimitação da perspectiva narrativa e dos próprios personagens de tal modo se acha tudo imbricado, onde o narrador se dispõe a escrever de si mesmo. “Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?" (LISPECTOR, 1998, p.15) Temos uma história narrada em terceira pessoa e um escritor que se coloca dentro obra como narrador e personagem, narrando-se em primeira pessoa. "Pensar é um fato. Sentir é um ato. Os dois juntos sou eu que escrevo o que estou pensando". (LISPECTOR, 1998, p. 11) Através da conjugação verbal empregada na citação acima notamos a fala em primeira pessoa do narrador. Esse desdobramento configura assim três níveis de autoria: Clarice autora, Clarice escritora e personagem de Clarice escritora Rodrigo S.M. personagem de Clarice e narrador da história de Macabéa.

Na atitude de Rodrigo em relação à personagem atração e repulsa e estas se alternam ao longo do romance. Esse desdobramento é uma faceta significativa do relacionamento entre Rodrigo e Macabéa se constituindo é apenas um artifício literário. Neste sentido serve para distanciar uma postura dupla por parte da autora, e de Rodrigo é mais explícita com relação a personagem Macabéa. "Onde o narrador sofre um deslocamento para dentro do texto, perdendo sua posição supostamente segura do narrar, transformando-se simultaneamente em personagem da narrativa que escreve". (Márcia Lígia Guindin, 1998,p.33)

O autor-narrador de "A Hora da Estrela" na verdade, Clarice Lispector (p.11) anuncia na dedicatória o conflito que sustentará sua narração, e dedica o livro:

a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperados, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em:

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right) = \frac{1}{4}$

eu. Esse eu que é vós pois não agüento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé,(...) (LISPECTOR,1998, p. 9)

Neste momento Rodrigo expõe ao leitor suas expectativas e anseios dentro da história que vai começar através da colocação “vós”, que nos remete a um diálogo direto com o leitor da obra; expõe também a escritora Clarice ao colocar “explodir em: eu.”

Rodrigo sempre se protege atrás de sua criatura Macabéa, contra todas as formas de realidade, mas que nas entrelinhas revela a própria autora . Obra concisa num monólogo que é a revelação suprema de uma psicografia de Clarice Lispector, conforme o fragmento:

Antes de tudo captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo_ Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo grave de ‘força maior’, como se diz nos requerimentos oficiais por ‘força de lei. (LISPECTOR, 1998, p.18)

O perfil Rodrigo S.M. oscila permanente entre duas realidades muito distintas sem poder optar por nenhuma delas, uma delas está na atitude de disputar o espaço com a sua própria personagem, como Clarice Lispector disputa com ele o espaço de autora. Notamos a disputa de Clarice Lispector com o Rodrigo S.M. quando ele pede desculpas ao leitor por falar de si e descobrir seu destino, e na indagação do narrador se é ou não um monstro.

Em um outro momento notamos Rodrigo S.M. numa situação parecida com a anterior, neste momento com Macabéa, onde o narrador vê a nordestina se olhar no espelho e como em um susto percebe seu próprio rosto refletido, barbudo e cansado. Assim como Rodrigo S.M. desconhece Lispector, como autora posando-se como autor absoluto de Macabéa que, por sua vez, não sabe da existência dele e de Lispector, representando um nível extremo de inconsciência.

Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou meu grito de horror a vida. A vida que tanto amo. (LISPECTOR, 1998, p.33)

Assim o narrador expressa de maneira convicta que Macabéa não tinha consciência de si, pois ela vivia alheia a tudo e a todos e, quando lhe acontecia algo de diferente ou ruim, dizia que era porque “a vida é assim mesmo”. O narrador também coloca de forma bastante explícita a necessidade que ela tem de encontrar-se consigo mesma, como podemos notar na afirmativa de Schüller.

A multiplicidade de vozes distribui-se em duas vozes gerais, a voz dos dominadores e a voz dos dominados. As vozes se conjugam como máscara que alternadamente encobrem o narrador, hostilizam-se sem que uma silencie a outra. (SCHÜLER, 2000, p.33)

Ao escritor moderno só resta reproduzir através da sua escritura, essa nova versão de mundo em que os papéis substituem as individualidades. Essa estrutura de identidade revela uma configuração em que não há limites entre um nível e outro.

Havendo uma divisão, mas sem separação completa, havendo sempre um elo no nível superior ou no nível posterior, sem construir uma identidade independente. Constitui-se um tipo de relação humorarquizada que ocorre em uma direção, de cima para baixo. Trata-se assim de um corpo a corpo entre a obra e o leitor, é na mesma tensão que norteia a relação narrador/ personagem. Por um tipo de literatura que se assume em todas as contradições do seu meio nesse sentido se contradições do seu meio nesse sentido se afirma como resistência. A narrativa desvenda a sua problemática

interior na medida em que faz conhecer sua protagonista, também mostra, descobrindo a sua própria identidade. Segundo Walter Benjamim:

A narrativa não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (Benjamim, 1994 p. 205)

Assim é o que acontece com Rodrigo S.M, apesar de fazer parte da história, não conta um fato acontecido com ele, e sim inventa um personagem que poderia ser real.

II- Uma Macabéa entre tantas

Quanto à personagem Macabéa a identificamos como “*esférica*” porque, na verdade, o que ela faz ou pensa nos surpreende. O seu modo de viver é bastante complexo ou seja é uma personagem indefinida, ou exige uma definição na obra o tempo todo, pois a cada momento tem se uma informação sobre o que ela é e como interpreta a vida.

As personagens esféricas, não são claramente definidas por Foster, mas concluímos que suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três e não duas dimensões; de serem, portanto organizadas com maior complexidades e, em consequência capazes de nos surpreender. (CÂNDIDO, 1995,p.63)

É o caso de Macabéa que deixa o leitor desnorteado pela falta de questionamento, ela nunca se pergunta por que é tão discriminada, sempre imagina que tudo que lhe acontece é porque as coisas são assim mesmo e, que ela não sofre, pois o sofrimento não é coisa que alguém como ela tenha o luxo de sentir.

Antônio Cândido(1995) ainda aborda sobre a personagem de ficção em relação ao leitor, que é “como se outra pessoa entrasse nelas e invadissem inesperadamente sua área de essência e existência.” (Cândido, 1995 p.65)

Segundo Cândido (1995) as informações que temos da personagem são o suficiente para que a conheçamos e tenhamos uma idéia completa de sua vida, sendo o escritor responsável pelo seu modo de ser, assim a

personagem se torna mais lógica e revela mais o seu interior que o próprio ser vivo.

Antônio Cândido (1995) afirma que o conhecimento que temos de uma pessoa real é fragmentária, no entanto, as partes se solidificam numa compreensão ampla que podemos obter do ser fictício. Para Cândido (1995), temos possibilidade de uma noção maior do ser ficcional comparado ao ser vivo, relacionado as semelhanças que existem entre eles;

Cada um desses fragmentos, mesmo considerado um todo, uma unidade total, não é uno, nem contínuo. Ele permite um conhecimento mais ou menos adequado ao estabelecimento da nossa conduta, com base no estabelecimento da nossa conduta, com base no juízo sobre o outro ser; permite, mesmo, uma noção conjunta e coerente deste ser, mas essa noção é oscilante aproximativa, descontínua. Os seres são por natureza, misteriosos, inesperados. (ANTÔNIO CÂNDIDO, 1995 p. 56)

Ainda sobre a personagem, Beth Brait em sua obra “A Personagem” aborda sobre o ser ficcional e seu espaço de existência, que é o texto, a concepção da autora circula em torno das diferenças entre o se real e a personagem afirma que só teremos alguma noção a respeito da personagem se o observamos a construção do texto.

A autora refere à visão aristotélica, “a pessoa como reflexo do ser humano” em seguida aborda as definições de personagens no século XVIII e XIX, quando o caráter social e psicológico refletidos pelo modo de ser do escritor, sendo assim a personagem continua sendo estudada a partir do ser humano.

A personagem de Clarice Lispector nos surpreende por exigir, a todo momento a nossa participação no sentido de interpretá-la, de viver as

1. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，
 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

2.

3. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

4. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

5. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

6. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

7. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

8. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

9. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

10. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

11. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

12. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，
 13. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，
 14. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，
 15. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，
 16. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，
 17. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

18. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

19. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

20. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

21. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

22. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

23. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

24. 在 1954 年 10 月 1 日以前，凡在 1954 年 10 月 1 日以前，

experiência dela é possível perceber que Macabéa é construída segundo a imagem da própria autora Clarice.

A construção da personagem Macabéa dá-se de forma gradativa no romance, a protagonista vai aparecendo lentamente dentro da obra e o leitor mal percebe, que ela já está presente desde o terceiro parágrafo, ainda que como parte do coletivo, sua identidade constitui nesse árduo processo de criação, que pela sua lenta gestação, também se assemelha a um parto. Ficção e metaficção confluem nesse processo de criação de uma personagem, o nascimento de um ser vivo e de uma obra de arte.

Talvez tenha aí uma certa preferência da ficção de Clarice Lispector e sua obra por um tipo particular do “outro” que, seja: pessoa, animal ou coisa, tem uma função passiva no texto, servindo apenas de referência para o exercício de auto conhecimento da protagonista.

Quando pouco, ali se tem a confirmação do que seus contos e romances fazem pressentir: a cronista desfia pensamentos e emoções, relata fatos e reflete acerca do seu ofício de escritora, oferecendo ao leitor a contraprova para avaliar-lhe a obra ‘séria’. Tratando de vários assuntos, ‘ao correr das palavras’, como diz em certa altura de *Água Viva*, focalizando temas colhidos no dia-a-dia, surpreendendo no ‘outro’, ser humano ou bicho, ou na paisagem, seus motivos para a conversa habitual com os leitores, Clarice Lispector fala sempre de si própria. (MASSAUD MOISES, 1984, p.442)

É o caso de Macabéa de “A Hora da Estrela” que, num destino implacável é descrita a partir de um ponto de vista do próprio narrador, que sob sua ótica manipula todas as atitudes da personagem, levando-a então por caminhos cuidadosamente traçados por ele.

Rodrigo S.M. diz que ama sua criação a amar o “outro” parece que inclui incorporar o “outro”, pelo menos no nível da fantasia. O amor descrito pelo narrador por sua personagem compara-se ao amor que se dá entre

2. The second part outlines the specific procedures for recording transactions, including the use of standardized forms and the requirement for double-checking entries.

3. The third part addresses the role of the accounting department in ensuring that all financial data is correctly processed and reported.

4. The fourth part discusses the importance of regular audits to verify the accuracy of the records and to identify any potential discrepancies.

5. The fifth part concludes by stating that adherence to these guidelines is crucial for the overall success and integrity of the organization's financial management.

6. The sixth part of the document provides a detailed overview of the current financial status of the organization, including a summary of revenues, expenses, and the resulting profit or loss.

7. The seventh part presents a comparison of the current financial performance against the targets set for the previous period, highlighting areas of improvement.

8. The eighth part discusses the impact of recent market conditions on the organization's financial health and offers strategies to mitigate potential risks.

9. The ninth part outlines the planned financial activities for the upcoming period, including budget allocations and investment plans.

10. The tenth part concludes with a statement of confidence in the organization's ability to achieve its financial goals through diligent management and strategic planning.

11. The eleventh part of the document details the results of the most recent financial audit, confirming the accuracy of the records and the effectiveness of the internal controls.

12. The twelfth part discusses the implementation of new financial software to streamline the recording and reporting process, aiming to reduce errors and improve efficiency.

13. The thirteenth part addresses the training provided to staff members to ensure they are fully equipped to handle the new financial systems and procedures.

14. The fourteenth part presents a forecast of the organization's financial performance for the next quarter, based on current trends and market projections.

15. The fifteenth part discusses the ongoing monitoring of financial metrics to ensure the organization remains on track with its financial objectives.

16. The sixteenth part outlines the contingency plans in place to address any unforeseen financial challenges that may arise.

17. The seventeenth part concludes by reiterating the commitment to financial transparency and the importance of continuous improvement in financial management practices.

18. The eighteenth part provides a final summary of the key findings and recommendations from the financial review.

19. The nineteenth part discusses the next steps for the organization, including the implementation of the recommended actions and the scheduling of future financial reviews.

20. The twentieth part concludes the document with a statement of appreciation for the cooperation and support of all stakeholders in achieving the organization's financial success.

seres de uma mesma família, ou seja, pai, mãe, irmãos etc. Quando ele a coloca como pessoa importante mesmo com seus defeitos e manias, insignificância, coloca a personagem digna do amor do leitor também. Quando Rodrigo S.M. se coloca como único ser que a ama, nos remete aos defeitos e a falta de sexualidade de Macabéa ou a sua pouca formação intelectual, mas que mesmo que com tantas restrições é digna de um amor puro.

Não tinha aquela coisa delicada que se chama encontro. Só eu a vejo encantadora. Só eu seu autor, a amo. Sofro por ela. E só eu é que posso dizer assim. “Que é que você me pede chorando que eu não lhe dê cantando?” (Lispector, 1998 p.27)

Como já foi dito, esse amor parece até amor materno, o aprendizado da diferenciação entre mãe e filho, entre mãe externa e mãe internalizada e numa generalização entre o eu e o outro. Um amor protetor que é capaz de corrigir e apontar os erros e acertos do ser amado, como se fosse um filho que precisa de ser cuidado, de amor e proteção. “Conheceria algum dia do amor os seus desmaios? Teria a seu modo o doce vôo? Ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam. Em todo caso o futuro parecia vir a ser muito melhor”. (LISPECTOR, 1998, p.39)

A personagem vai sendo construída junto com a obra e no discurso de Rodrigo, é ele quem denuncia e ele quem chama atenção do leitor para suas contradições e seus temores.

Ao lhe dar a fala, Clarice Lispector o incumbe também de ser humano forte o suficiente para esmagar o “outro”, fraco o bastante para deixar cair a própria máscara.

Rodrigo S.M. escritor de Macabéa, é duplamente suspeito, primeiro porque ele é intelectual, falando sobre uma mulher do povo e reafirmando seu preconceito e depois usa a miséria que se torna mais lastimável sob sua escrita para não parecer com ele tão miserável.

Há muito mais do que desprezo na relação de Rodrigo e Macabéa. A jovem nordestina, que segundo ele: "É virgem é inócua, não faz falta a ninguém. Ela é incompetente como datilógrafa e seu corpo é cariado, dir-se á que havia brotado na terra do sertão em cogumelo logo mofado." (LISPECTOR, 1998, p.28 e 44)

O narrador não permite que Macabéa conheça o seu grande poder de transformação, prefere um final chocante, trágico, parecendo estar protegendo a personagem dos problemas alheios, da saudade e, ainda evitando que a mesma questione o seu mundo.

(...)Só uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu _ assustou-se tanto que parou completamente de pensar". (Lispector, 1998 p.32)

Entre a palavra e o silêncio, entre, o que diz e o que está implícito em seu dizer, situa-se o texto de Lispector (...) Se quisermos saber o que diz o texto devemos interrogar o seu silêncio. (Sá. 1993, p.78)

Percebemos que certos assuntos devem ser reservados ao sexo masculino, porque tem de ser descrita com objetividade e clareza, e isto é trabalho para homens, fica nítido o preconceito contra a mulher e a escrita feminina. E além disso o escritor ainda alerta que há um estilo próprio para contar a história da moça nordestina. "Há de ser antigo, sem modernismo, a guisa da originalidade (...) e nada de palavras enfeitadas, adjetivos esplendorosos ou substantivos carnudos". (Lispector, 1998 p.13 e 15)

O tempo em si está discutindo, sobretudo, a autoria feminina, e também retrata que o narrador tem de usar a linguagem de acordo com a classe social que a personagem representa, incluindo as grandes diferenças sociais, a exploração do trabalhador, a deslealdade, a opressão de poder entre patrão e empregado, Macabéa era uma nordestina pobre, que vendia seu trabalho a menos de um salário mínimo.

Macabéa era praticamente analfabeta, tinha apenas “o terceiro ano primário”, havia crescido em um ambiente de extrema pobreza, passara fome por muitas vezes em sua infância, ainda não sabe o que é uma refeição normal em sua vida “adulta”. Ela sente enjôo quando come por ter comido “gato frito” quando criança.

O patrão de Macabéa era um homem culto que gostava de ler, “dado a literatura”, estava sempre em contato com o conhecimento. Enquanto Macabéa não sabia nem bater a máquina direito, preferia copiar cuidadosamente a letra arredondada e bonita de seu Raimundo, mas sujava todo o papel; quando viu o livro que estava sobre a mesa, achou interessante e por um momento, percebeu perceber a sua classe social, mas preferiu pensar que “as coisas são assim mesmo”.

Esta visão exposta dentro da obra de Clarice Lispector, faz com que passemos a comparar com alguns programas televisivos que exploram a condição dos nordestinos que migram para o sudeste em busca de uma vida melhor que a do nordeste e acabam desempregados vivendo em situação pior que já viveu em sua região de origem.

A escolaridade e a capacitação para o trabalho do morador nato do sudeste é uma grande barreira para o nordestino, pois sem esta condição

ele passa a ser um cidadão discriminado e dono dos salários extremamente baixos ou o desemprego, em um lugar onde apenas aquele que possui o poder aquisitivo sobrevive. “É que a matéria é pobre e ele tem de falar simples para captar sua existência humilde”. (Lispector, 1998 p. 15)

A ironia e a contradição presente até mesmo ao escolher o nome da protagonista, Macabéia faz referência irônica aos sete Macabeus, estes personagens bíblicos.

Aconteceu também que foram presos sete irmão Macabeus, juntamente com sua mãe, e o rei quis obriga-los a comer carne de porco, proibida pela lei. Instigando os com golpes de azarraque e de nervos de boi: Um deles como porta-voz de todos; disse: Estamos prontos a morrer, antes de violar as leis de nossos pais(...) exortavam uns aos outros a morrer corajosamente. (Bíblia Sagrada, p. 436)

Nesta perspectiva percebe-se, que os setes Macabeus eram questionadores, homens fortes, corajosos, criaturas destemidas demais no enfrentamento do mundo esta é a referência no entanto, na visão do narrador; Macabéia é o inverso deles porque nascera raquítica, perdera os pais quando pequena, fora criada por uma tia, acumula em seu corpo franzino, a herança do sertão, todas as formas de repressão cultural, o que a deixa alheada de si e da sociedade. Segundo o narrador: “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável”. (LISPECTOR, 1998, p.29)

A desigualdade social é evidente ao longo da obra mesmo em relação ao narrador Rodrigo S.M. e a personagem Macabéia; em todos os aspectos Macabéia representa o povão, a massa, uma nordestina pobre, marginalizada, feia e grotesca, meio idiota, incompetente no trabalho.

Rodrigo é um escritor sofisticado, intelectual que está acima dessas manifestações miúdas de sentimentalismo. É aquele que reflete, observa, e que indaga o mundo com perguntas adequadas, totalmente diferente dos pequenos, como Macabéa, que não sabem nem o que não sabem e, além de estar fora do mundo e das emoções ainda se julgam exteriores à vida concreta, com seus conflitos econômicos e sociais: “A classe alta me tem como um momento esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a baixa nunca vem a mim”. (LISPECTOR, 1998, p. 19)

Podemos dizer que Rodrigo possui conhecimento e Macabéa só tem uma informação. Macabéa é despossuída de tudo: dinheiro, inteligência e beleza.

A jovem nordestina é usada, por meio do contraste, oferecer a identidade a Rodrigo S.M, que, possui um lugar na sociedade, reconhecida, legitimada, de onde pode realizar sua troca de conhecimento.

Refinamento ou cultura precisam de tempo livre e acesso a determinados bens e espaços para nascerem, isto é, depende de capital econômico. Rodrigo possui este conhecimento e Macabéa só tem informações porque coleciona recortes de jornais, ouve certos ensinamentos transmitidos pela rádio-relógio “Que daria hora certa, cultura e nenhuma música” (LISPECTOR, 1998, p.50) Informações para as quais Rodrigo torce o nariz dizendo que ela nunca achará meio de aplicá-las.

Enquanto Rodrigo S.M. participa da ordem prática da vida, acessível a mentes mais tacanhas, Macabéa se transforma numa espécie de qualidade que pode ou não vir a ser utilizada. Conhecimento se faz capital simbólico, domínio de poucos.

$$e_{\alpha} = \frac{1}{2}(\alpha + \alpha^*) \quad \text{and} \quad f_{\alpha} = \frac{1}{2}(\alpha - \alpha^*) \quad \text{for } \alpha \in \Delta_+.$$

Figure 1. The effect of the concentration of the H_2O_2 solution on the amount of the released H_2O from the H_2O_2 -loaded hydrogel. The amount of the released H_2O was measured by the weight difference of the hydrogel before and after the release. The concentration of the H_2O_2 solution was 0.1, 0.2, 0.3, 0.4, 0.5, 0.6, 0.7, 0.8, 0.9, and 1.0 wt. %.

Figure 1. Schematic representation of the experimental design. The subjects were divided into two groups: the control group and the experimental group. The control group was divided into two subgroups: the control group and the control group. The experimental group was divided into two subgroups: the experimental group and the experimental group. The control group was divided into two subgroups: the control group and the control group. The experimental group was divided into two subgroups: the experimental group and the experimental group.

• **Prevalence** = the proportion of a population that has a disease at a particular point in time

Figure 1. The effect of the concentration of the *Agrobacterium* suspension on the transformation efficiency of *Agrobacterium* strains.

[illegible]

Figure 1. The effect of the number of trials on the number of correct responses. The number of correct responses was significantly higher than the number of incorrect responses in all cases. Error bars represent the standard error of the mean.

Table 1. *Salmonella* serotypes and their associated diseases

[illegible][illegible][illegible]
$$f_{\alpha} = \frac{1}{\Gamma(\alpha)} \int_0^x (x-t)^{\alpha-1} f(t) dt, \quad \alpha > 0, \quad f \in L^1(\mathbb{R}^+).$$
[illegible]

1990, p. 100). The *Journal of the American Medical Association* (1990, p. 100) also states that the "most common" cause of death in the United States is heart disease.

Figure 1. The effect of the number of trials on the number of correct responses. The number of correct responses was significantly higher than the number of incorrect responses in all cases. The number of correct responses was significantly higher than the number of incorrect responses in all cases. The number of correct responses was significantly higher than the number of incorrect responses in all cases.

[illegible]
$$T_{\text{eff}} = T_0 \left(1 + \frac{\alpha}{2} \right) \quad \text{for } \alpha < 2$$

$\frac{d}{dt} \left(\frac{\partial L}{\partial \dot{x}} \right) = \frac{\partial L}{\partial x}$

$$x_1^2 + x_2^2 + x_3^2 + x_4^2 = 1, \quad x_1^2 + x_2^2 + x_3^2 + x_4^2 = 1, \quad x_1^2 + x_2^2 + x_3^2 + x_4^2 = 1, \quad x_1^2 + x_2^2 + x_3^2 + x_4^2 = 1$$
[illegible]
$$E\left[\frac{1}{3} \left(\frac{1}{3} \right)^{t-1} \right] = \frac{1}{3} \left(\frac{1}{3} \right)^{t-1} = \frac{1}{3^t} \quad \text{for } t \geq 1, \quad E\left[\frac{1}{3} \left(\frac{1}{3} \right)^0 \right] = \frac{1}{3} \left(\frac{1}{3} \right)^0 = \frac{1}{3} \quad \text{for } t = 0.$$
[illegible][illegible]

Macabéa não possuía nenhum conhecimento e seu único elo com o mundo do conhecimento era um rádio emprestado de uma colega de quarto que ela ouvia de madrugada, a rádio relógio que quase não tocava música, dava apenas a hora certa, cultura e anúncios. Talvez por quase não ter palavras, Macabéa era uma ouvinte assídua e fiel da rádio relógio e se impressionava com as palavras utilizadas pelos locutores. Quase nada entendia do que eles falavam, mas achava fantástico alguém ter a capacidade de usar tantas palavras por ela desconhecidas. Assim Macabéa descobre mesmo sem entender muito bem que “o único animal que não cruza com o filho é o cavalo” e que o imperador Carlos Magno era chamado de Carolus. (Lispector, 1998, p.37), Ouve também uma música que lhe emocionou muito a ponto de chorar quando a ouvia, mas que tem o nome de “Una Furtiva Lacrima”. Como bem salienta o narrador, Macabéa não sabia da existência de outras línguas e, por isso, acabou achando que o locutor tinha cometido uma gafe.

Rodrigo sabe outras línguas, entende de biologia e de história, se ela não tem onde aplicar suas informações, ele não precisa utilizar seus conhecimentos, para torná-las úteis para a sociedade. São bens próprios e particulares, que apontam a superioridade intelectual de quem a possui.

E eis que fiquei agora receoso quando pus palavras sobre a nordestina. E a pergunta é: como escrevo? Verifique que escrevo de ouvido assim como aprendi inglês e francês de ouvido. Antecedentes meus do escrever? (LISPECTOR, 1998, p, 18)

Macabéa era faminta por cultura a ponto de servir dos poucos acessos que estão a sua disposição. Sua relação com a comida é tão estúpida quanto ela, menos quando está junto de Olímpico, usa da farinha, da carne

de sol, da rapadura, do melado da infância para compartilhar a nostalgia do nordeste e marcar a identidade comum. A protagonista revela que desejava ser gorda, depois de ouvir por parte de um rapaz a reprodução do seguinte slogan publicitário, “a tua gordura é formosura”. Decidiu e então, motivada pelos anúncios, pedir que a tia lhe comprasse óleo de bacalhau, pois acreditava que ao ingerir esse suplemento alimentar ficaria cheia de corpo, de gordura e formosura. O discurso da publicidade era um discurso altamente eficiente. Não só persuadia a receptora Macabéa, mas, principalmente, a seduzia. Sentia apetite pelos cremes estampados nas páginas dos jornais. Desejava comê-los, degustá-los e não passar na pele. Sabia que nunca seria bonita como as moças que usavam tais produtos. Mais do que pela fantasia da beleza, a sua fome exclusiva de prazer, mesmo comendo tão pouco e tão mal. À noite, tomava café frio por não ter dinheiro para jantar. A sobremesa eram as fotos dos cremes anunciados nos jornais.

Em uma conversa com o médico, Macabéa revela seu regime alimentar, “cachorro quente e Sanduíche de mortadela” (Lispector, 1998 p. 67). E em contraposição ao vinho branco de Rodrigo, e a mais das homenageadas das bebidas, coca cola.

Macabéa passa mal quando toma um copo de grosso chocolate de verdade. Sonha com potes de creme para pele, que pele que nada, ela o comeria as colheradas no pote mesmo, tem ânsia de vômito por adoçar o café demais no botequim para aproveitar o açúcar grátis, enquanto Rodrigo S.M. tem gosto refinado, “(...) tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado (...) Ela masca pedacinho de papel e os engole pensando em coxa de vaca” (Lispector, 1998 p. 22 e 31).

Rodrigo escreve ao lado de sua taça de cristal. Macabéa sente fome somente para aplacar uma necessidade física. Já Rodrigo é sofisticado demais para sentir fome ele tem apetite, mas não é fome, comer seria muito diferente de possuir paladar.

Macabéa jamais freqüentou restaurante, come de pé no botequim da esquina, enquanto seu médico se farta de espaguete e toma cerveja.

O que define Macabéa como pertencente a outra classe social num primeiro momento é a sua condição de nordestina no sudeste.

Numa esfera mais ampla a personagem se define assim com relação ao seu meio, numa esfera mais individual, pela relação que estabelece com o próprio corpo e a partir daí, com os personagens que representam a sua relação com “mundo”, principalmente com o namorado Olímpico, com sua colega Glória, e posteriormente com a cartomante.

O sentimento precário de identidade de Macabéa se manifesta diretamente pela falta de familiaridade com o próprio corpo; Macabéa nunca se despe, raramente toma banho, dorme com roupas sujas de sangue e tem cheiro morrinhento. Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava(...) Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. (...) assoava o nariz na barra da combinação. (LISPECTOR, 1998, p. 27)

Por outro lado é vaidosa, tenta disfarçar as manchas do rosto, usa batom vermelho para parecer com “Marylin Monroe” e se preocupa com o cabelo. “No banheiro da firma pintou a boca toda e até fora dos contornos para que os seus lábios finos tivesse aquela coisa esquisita dos lábios de Marylin Monroe”. (LISPECTOR, 1998 p.62)

Mas tudo que faz para melhorar a sua aparência, tem o efeito contrário, revelando uma relação com a própria sexualidade. Uma sexualidade à deriva pela inconsciência do próprio desejo.” Quando volta

para a sala de trabalho Glória riu-se dela: _ você endoidou criatura? Pintar-se como uma endemoniada?” (LISPECTOR, 1998, p.62)

Tanto a sexualidade de Macabéa como a condição de nordestina se estabelecem em contraste com a de seu namorado pernambucano. Olímpico de Jesus, conforme já sugere o nome, é o protegido das divindades, que veio para conquistar o sudeste e vencer na vida.

Ainda que caracterizado com certa ironia ao sobrenome, é inegável que ele é mais vital e está em melhores condições de sobrevivência.

Macabéa se estabelece frágil na caracterização sexual de ambos. “O Olímpico era um diabo premiado e vital e dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso “sêmen” enquanto Macabéa tinha os ovários murchos como um cogumelo cozido”. (Lispector, 1998 p. 58-59)

Olímpico acaba trocando Macabéa por Glória que, ao contrário de Macabéa, tinha uma posição social diferenciada, pois pertencia a burguesia e Macabéa não tinha força na raça, era um subproduto do meio.

Glória não era bonita, mas era bem alimentada, tinha uma família e o pai era açougueiro e isso lhe fazia material de primeira qualidade enquanto Macabéa era subproduto e além disso, Glória era carioca da gema. “O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país”. (Lispector 1998, p.59) E também porque; “pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira”. (Lispector, 1998 p. 60) Ao contrário de Macabéa, Glória sabe fazer uso da própria sensualidade, representando para Olímpico a continuidade da raça. Olímpico desenvolve várias formas de se impor ao seu meio. Ao contrário de Macabéa, Olímpico prefere matar do que morrer.

Ele também faz esculturas e caricaturas como contraponto ao seu trabalho, para ele matar e roubar dava-lhe um certo status. “Ter matado e roubar... davam-lhe uma categoria, faziam dele um homem com a honra já lavada”. (Lispector, 1998 p. 58)

Olimpico sabe reconhecer e aproveitar as oportunidades que a vida lhe oferece, até mesmo roubar quando tem chance. Enfim, ele tem objetivos dos que estão dispostos a subir na vida.

O pragmatismo de Olimpico se opõe a necessidade de conhecimento de Macabéa. Embora não consiga resolver os enigmas da rádio -relógio, que Macabéa lhe propõe, ele acaba ao contrário desta, adquirindo meios necessários para sobreviver dentro das condições precárias em que se encontra.

Macabéa por sua vez, com todo anseio por horizontes mais amplos, vive a mercê do seu meio, sendo explorada de uma forma ou de outra, por quase todos com quem se relaciona, mas se a inconsciência das forças que atuam contra ela por um lado a colocam a mercê dos outros, por outro lado a protege da infelicidade consciente.

Nessa perspectiva as revelações da Madama Carlota acabam sendo fatais a Macabéa. Não pelo seu conteúdo profético, mas por representarem o olhar do outro sobre a condição da protagonista. A revelação que Macabéa tanto almejava, vem de forma inesperada, através das palavras da cartomante, Porque Macabéa era feliz e não tinha noção da vida difícil que levava. Os anúncios publicitários que lia e as mensagens da rádio relógio que ouvia muitas vezes lhe engravidaram de futuro, ou pelo menos de esperança de ter um futuro. Eram todos discursos eficientes, sedutores. A

[illegible]
$$f_{\text{eff}} = \frac{\pi}{2} \left(\frac{1}{\sqrt{1 + \frac{1}{2} \left(\frac{v_p}{c} \right)^2}} - \frac{1}{\sqrt{1 + \frac{1}{2} \left(\frac{v_s}{c} \right)^2}} \right) \quad (6)$$
$$A = \begin{pmatrix} 1 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 1 \end{pmatrix}, \quad B = \begin{pmatrix} 0 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 \end{pmatrix}, \quad C = \begin{pmatrix} 0 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 \end{pmatrix}, \quad D = \begin{pmatrix} 0 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 \end{pmatrix}$$

Figure 1. The effect of the concentration of the *Agaricus bisporus* spores on the growth of *Agaricus bisporus* and *Agaricus bisporus* spores on the growth of *Agaricus bisporus*.

[illegible]
$$V(\mathbf{J}) = \frac{1}{2} \mathbf{J}^T \mathbf{H} \mathbf{J} + \mathbf{g}^T \mathbf{J} + c, \quad \mathbf{J} \in \mathbb{R}^n, \quad \mathbf{H} \in \mathbb{R}^{n \times n}, \quad \mathbf{g} \in \mathbb{R}^n, \quad c \in \mathbb{R},$$

Figure 1. The effect of the concentration of the H_2O_2 solution on the amount of the released H_2O from the H_2O_2 -loaded hydrogel. The amount of the released H_2O was measured by the weight difference of the hydrogel before and after the release. The concentration of the H_2O_2 solution was 0.1, 0.2, 0.3, 0.4, 0.5, 0.6, 0.7, 0.8, 0.9, and 1.0 wt. %.

$$\frac{1}{2} \left(\frac{1}{2} \right)^{n-1} = \frac{1}{2^n} \quad \text{for } n \geq 1.$$

1. *Chlorophyll a* (Chl *a*) and *Chlorophyll b* (Chl *b*) were determined using the method of Arar and Collins (1997). The concentration of Chl *a* and Chl *b* was expressed as $\mu\text{g mL}^{-1}$ of the sample.

$$| \mathbf{r}_i | = \sqrt{r_{i1}^2 + r_{i2}^2 + r_{i3}^2} \quad (i = 1, 2, \dots, N) \quad (1)$$
[illegible]

Figure 1. The effect of the concentration of the solution on the adsorption of the dye. The concentration of the solution was 0.05, 0.1, 0.2, 0.3, 0.4, 0.5, 0.6, 0.7, 0.8, 0.9, 1.0, 1.5, 2.0, 3.0, 4.0, 5.0, 6.0, 7.0, 8.0, 9.0, 10.0 mg/L. The concentration of the adsorbent was 0.1 g/L. The temperature was 25 °C. The pH was 7.0. The adsorption time was 24 h.

[illegible]

$\frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-\infty}^{\infty} f(x) e^{-x^2} dx = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-\infty}^{\infty} f(x) e^{-x^2} dx$

[illegible]
$$| \mathbf{r} | = \sqrt{r^2} = \sqrt{\sum_{i=1}^3 x_i^2} = \sqrt{r^2} = r \quad (r \geq 0)$$

Figure 1. The effect of the concentration of the *Agrobacterium* suspension on the transformation efficiency of *Agrobacterium* strains.

Figure 1. The effect of the concentration of the *Agrobacterium* strain on the transformation efficiency of *Agrobacterium* strain.

$$0 \rightarrow \mathcal{O}_X(-n) \rightarrow \mathcal{O}_X(-n+1) \rightarrow \mathcal{O}_X(-n+2) \rightarrow \cdots \rightarrow \mathcal{O}_X(-1) \rightarrow \mathcal{O}_X \rightarrow 0$$

Figure 1. The effect of the number of trials on the number of correct responses. The number of correct responses was significantly higher for the 10 trials condition than for the 5 trials condition. Error bars represent the standard error of the mean.

[illegible][illegible][illegible]

fala da cartomante pode ser encarada como uma emblemática metáfora do discurso publicitário. Cabe salientar que se trata de uma voz feminina, representando a força de Eros, ao oferecer-lhe felicidade, formosura, amor e um futuro.

O tom de voz de a Madama falar, a fez refletir sobre a vida. “_ Mas, Macabeazinha que vida horrível a sua! Que meu a migo Jesus tenha dó de você filhinha! Mas que horror Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim”. (LISPECTOR, 1998, p. 76)

E ainda a vida de Macabéa contrasta mais uma vez em relação a profissão de “sucesso” da Madama Carlota, como prostituta na zona do Mangue, que lhe trouxe certa estabilidade econômica, oposto ironicamente com o conteúdo da revelação.

Na verdade, Carlota e Macabéa representam diferentes níveis de exclusão social. O discurso que tanto parece impressionar Macabéa traz igualmente embutido um retrato de todas as mazelas, (pobreza, doenças venéreas, exploração sexual e solidão) que afeta a prostituição num bairro pobre como o Mangue.

Mais uma vez o papel da sexualidade aparece como um diferencial decisivo no destino das duas personagens. Mais do que a pobreza, o laço moral de Macabéa com o seu corpo a impede de dar um rumo ao seu desejo e, nesse sentido, a sua vida. Seja pelo namorado, seja pela prostituição como Madama Carlota. Além do destino dado à própria sexualidade, o que diferencia as duas personagens é , como no caso de Olímpico, a capacidade de Carlota de se aproveitar da situação de prostituição dentro das condições que o meio lhe oferece.

Não por acaso, Macabéa morre quase no exato instante em que é forçada a se reconhecer como infeliz. “Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim” (LISPECTOR, 1998, p.76) Só assim reconheceu que sua vida era miserável, teve vontade de chorar ao ver que o seu lado oposto, ela que até então se julgava feliz. “Tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para lutar?” (LISPECTOR, 1998, p. 40)

Outro fator importante a salientar é a ironia utilizada pelo do narrador, refere-se ao momento quando Olímpico terminou o namoro com Macabéa, apesar dela o amar tanto, no lugar de chorar pela perda do namorado começou a rir, e procurou permanecer como se não tivesse perdido nada.

Nesta perspectiva nem sentimentos pobre pode Ter?

(Ela não sentiu desespero etc. etc. etc.) também que é que ela podia fazer? Pois ela era crônica. E mesmo tristeza era coisa de rico, era para quem podia, para quem não tem o que fazer. Tristeza era luxo. (LISPECTOR, 1998, p.61) .

Observamos as figuras que participam da história da nordestina e que são determinantes na configuração de seu destino e vemos que, de certo modo, todos participam um pouco de sua miséria. Nenhuma delas sofre das privações materiais, da indigência mental e da ingenuidade de Macabéa, mas isso não é o suficiente para dispensá-la da condenação de explorados e marginalizados da sociedade. Exercendo simplesmente o papel de peças necessárias para o funcionamento do sistema, analfabetos e semi-analfabetos, alguns ignorantes e alienados, todos participam dessa situação, inclusive o médico.

Em todos eles há a ausência de qualquer sentido edificante para a existência, nenhum tem projeto nem ideal além da existência material, para o qual só há sentido, ganhar dinheiro, como sugere Olímpico e o médico.

A narrativa representa o momento extremo da revelação. Macabéa depara com sua verdade; esse momento é denominado de epifania, sendo caracterizada numa ação em que manifesta espiritualmente provocado por uma experiência sempre presente e rotineira, mas que acaba determinando uma força maior e desconhecida que é a própria revelação na consciência do homem.

A epifania é o momento em que a personagem sente uma luz iluminadora de sua consciência que a fará despertar para a vida e para situações que em outro momento não fariam a menor diferença. “No sentido literário a epifania é o momento privilegiado da revelação, quando acontece um evento ou incidente que ilumina a vida da personagem”. (CAMPEDELLI, 2001. p.274)

Pode ser compreendida num sentido místico- religioso. “epifania é o aparecimento de uma divindade e uma manifestação espiritual e é neste sentido que a palavra aparece quando ocorre a aparição de Cristo aos Gentios”. (SANT’ANNA, 1973. p. 179). Nas obras Claricianas a epifania torna-se um mergulho no íntimo do ser em busca de matéria prima de sua humanidade.

Em “A Hora da Estrela” a epifania acontece quando Macabéa, ao sair da casa da Cartomante, é atropelada pelo carro do suposto estrangeiro que se apaixonaria por ela. Macabéa morreu atropelada pelo futuro, pela velocidade, pelo avanço técnico e pelo discurso de promessa de fidelidade.

A estrela símbolo da Mercedes atropelou Macabéa e lhe proporcionou a sua “Hora da Estrela”. Macabéa cai no chão, bate a cabeça na calçada e começa a perceber tudo o que acontece em sua volta e que até então, passava despercebido. “Experimentam uma sensação de percepção alterada da realidade, cujo sabor continua presente mesmo depois do aparente regresso a um estado anterior”. (ABDALA, 2004, p.175)

A isto também chamamos epifania, no sentido de revelação. Nesse ponto Clarice, mediante uma técnica literária, faz com que a experiência vivida por Macabéa reflita, como uma espécie de espelho, uma experiência vivida pelo narrador. Simbolizando este momento de profundo aprendizado para o narrador. Neste momento era como se ela chegasse cada vez mais no fundo de si e se enxergasse de uma maneira totalmente nova, talvez neste momento tenha passado a existir.

Ao ver o carro que lhe atropelou, acreditou piamente que todas as predições estavam se cumprindo, por se tratar de um carro bonito, conduzido por um homem louro, forte e viril que a “seduziu”. Até a morte chega a Macabéa representada por uma figura masculina. O mundo urbano só lhe ofereceu discursos sedutores, pela rádio e pela publicidade.

Seu esforço para viver parecia uma coisa que, se nunca experimentara, virgem que era, ao menos intuía, pois só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher. Intuía o instante quase dolorido e esfuziante do desmaio do amor. Sim, doloroso reflorescimento tão difícil que ela empregava nele o corpo e a outra coisa que vós chamais de alma e que eu chamo__ o quê. (LISPECTOR, 1998, p.84-85)

A obra revela um grande fluxo de consciência não segue a ordem linear, iluminando o passado; há idas e vindas do passado para o presente e

vice versa, consolidando o tempo psicológico, quando a protagonista faz comentários de outrora, referente aos pais que perdera e mesmo ao relatar seu próprio nome, Macabéa.

Eu também acho esquisito, mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte, e se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada, porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca se chamada em vez de Ter um nome que ninguém tem mas parece deu certo. (LISPECTOR, 1998, p.43)

Segundo Olga de Sá (1993) a náusea é outra característica da obra Clariciana. Ao contrapor os dois modos de existência, o antes, de caráter alienante, o novo modo de ver a vida, é provocar a angústia do ser, manifestada fisicamente através da náusea, do enjôo e do tédio, sendo a náusea a ocorrência mais freqüente nas obras Claricianas.

Sofrer a náusea é doloroso, mas é necessário e é aquilo que impede a manifestação da verdade existencial. Ao se encontrar diante do absurdo de se alienar a existência, a visão torna-se caótica, estranha.

O conhecimento da verdadeira condição humana diante da organização social provoca a reação orgânica contra esta violência à natureza do ser, explicitando na náusea, no enjôo ou no vômito, que vem a ser uma característica que se faz presente na obra de Clarice, a náusea que contrapõe a existência, o antes, de caráter alienante, e o novo modo de ver a vida, é provocar a angustia do ser, que se manifesta fisicamente através da náusea, o enjôo, e o tédio, sendo a náusea, o acontecimento mais freqüente na obra de Clarice Lispector.

Nesta hora Macabéa sente um profundo enjôo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas (...) vejo que ela vomitou um pouco de sangue,

[illegible]

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000 1001 1002 1003 1004 1005 1006 1007 1008 1009 1010 1011 1012 1013 1014 1015 1016 1017 1018 1019 1020 1021 1022 1023 1024 1025 1026 1027 1028 1029 1030 1031 1032 1033 1034 1035 1036 1037 1038 1039 1040 1

[illegible][illegible]

Journal of Management Education 36(7) 809–824
© The Author(s) 2012
Reprints and permissions:
<http://www.sagepub.com/journalsPermissions.nav>

© 2006 The Authors
Journal compilation © 2006 Blackwell Publishing Ltd

$\frac{\partial \mathcal{L}}{\partial \mathbf{w}_1} = \frac{\partial \mathcal{L}}{\partial \mathbf{z}_1} \frac{\partial \mathbf{z}_1}{\partial \mathbf{w}_1}$

• *Chlorophyll a* (Chl *a*) is the primary photosynthetic pigment in all photosynthetic organisms. It is a green pigment that absorbs light energy in the blue and red regions of the visible spectrum. Chl *a* is the most abundant pigment in the chloroplasts of green plants and algae.

$$S_{\text{eff}} = \int d^4x \sqrt{-g} \left[\frac{1}{2} R - \frac{1}{2} (\partial_\mu \phi)^2 - V(\phi) - \frac{1}{4} F_{\mu\nu} F^{\mu\nu} - \frac{1}{2} \bar{\psi} \gamma^\mu \partial_\mu \psi - \bar{\psi} \psi \right] \quad (1)$$
[illegible]

J. J. A. M. van den Brink

1. *Journal of the American Medical Association*, 1997; 277: 1033-1038.

Figure 1. The effect of the concentration of the *Agrobacterium* suspension on the transformation efficiency of *Agrobacterium* strains.

Figure 1. The effect of the concentration of the Ca^{2+} solution on the Ca^{2+} concentration in the Ca^{2+} solution. The concentration of the Ca^{2+} solution was 0.1, 0.2, 0.3, 0.4, 0.5, 0.6, 0.7, 0.8, 0.9, 1.0, 1.1, 1.2, 1.3, 1.4, 1.5, 1.6, 1.7, 1.8, 1.9, 2.0, 2.1, 2.2, 2.3, 2.4, 2.5, 2.6, 2.7, 2.8, 2.9, 3.0, 3.1, 3.2, 3.3, 3.4, 3.5, 3.6, 3.7, 3.8, 3.9, 4.0, 4.1, 4.2, 4.3, 4.4, 4.5, 4.6, 4.7, 4.8, 4.9, 5.0, 5.1, 5.2, 5.3, 5.4, 5.5, 5.6, 5.7, 5.8, 5.9, 6.0, 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5, 6.6, 6.7, 6.8, 6.9, 7.0, 7.1, 7.2, 7.3, 7.4, 7.5, 7.6, 7.7, 7.8, 7.9, 8.0, 8.1, 8.2, 8.3, 8.4, 8.5, 8.6, 8.7, 8.8, 8.9, 9.0, 9.1, 9.2, 9.3, 9.4, 9.5, 9.6, 9.7, 9.8, 9.9, 10.0, 10.1, 10.2, 10.3, 10.4, 10.5, 10.6, 10.7, 10.8, 10.9, 11.0, 11.1, 11.2, 11.3, 11.4, 11.5, 11.6, 11.7, 11.8, 11.9, 12.0, 12.1, 12.2, 12.3, 12.4, 12.5, 12.6, 12.7, 12.8, 12.9, 13.0, 13.1, 13.2, 13.3, 13.4, 13.5, 13.6, 13.7, 13.8, 13.9, 14.0, 14.1, 14.2, 14.3, 14.4, 14.5, 14.6, 14.7, 14.8, 14.9, 15.0, 15.1, 15.2, 15.3, 15.4, 15.5, 15.6, 15.7, 15.8, 15.9, 16.0, 16.1, 16.2, 16.3, 16.4, 16.5, 16.6, 16.7, 16.8, 16.9, 17.0, 17.1, 17.2, 17.3, 17.4, 17.5, 17.6, 17.7, 17.8, 17.9, 18.0, 18.1, 18.2, 18.3, 18.4, 18.5, 18.6, 18.7, 18.8, 18.9, 19.0, 19.1, 19.2, 19.3, 19.4, 19.5, 19.6, 19.7, 19.8, 19.9, 20.0, 20.1, 20.2, 20.3, 20.4, 20.5, 20.6, 20.7, 20.8, 20.9, 21.0, 21.1, 21.2, 21.3, 21.4, 21.5, 21.6, 21.7, 21.8, 21.9, 22.0, 22.1, 22.2, 22.3, 22.4, 22.5, 22.6, 22.7, 22.8, 22.9, 23.0, 23.1, 23.2, 23.3, 23.4, 23.5, 23.6, 23.7, 23.8, 23.9, 24.0, 24.1, 24.2, 24.3, 24.4, 24.5, 24.6, 24.7, 24.8, 24.9, 25.0, 25.1, 25.2, 25.3, 25.4, 25.5, 25.6, 25.7, 25.8, 25.9, 26.0, 26.1, 26.2, 26.3, 26.4, 26.5, 26.6, 26.7, 26.8, 26.9, 27.0, 27.1, 27.2, 27.3, 27.4, 27.5, 27.6, 27.7, 27.8, 27.9, 28.0, 28.1, 28.2, 28.3, 28.4, 28.5, 28.6, 28.7, 28.8, 28.9, 29.0, 29.1, 29.2, 29.3, 29.4, 29.5, 29.6, 29.7, 29.8, 29.9, 30.0, 30.1, 30.2, 30.3, 30.4, 30.5, 30.6, 30.7, 30.8, 30.9, 31.0, 31.1, 31.2, 31.3, 31.4, 31.5, 31.6, 31.7, 31.8, 31.9, 32.0, 32.1, 32.2, 32.3, 32.4, 32.5, 32.6, 32.7, 32.8, 32.9, 33.0, 33.1, 33.2, 33.3, 33.4, 33.5, 33.6, 33.7, 33.8, 33.9, 34.0, 34.1, 34.2, 34.3, 34.4, 34.5, 34.6, 34.7, 34.8, 34.9, 35.0, 35.1, 35.2, 35.3, 35.4, 35.5, 35.6, 35.7, 35.8, 35.9, 36.0, 36.1, 36.2, 36.3, 36.4, 36.5, 36.6, 36.7, 36.8, 36.9, 37.0, 37.1, 37.2, 37.3, 37.4, 37.5, 37.6, 37.7, 37.8, 37.9, 38.0, 38.1, 38.2, 38.3, 38.4, 38.5, 38.6, 38.7, 38.8, 38.9, 39.0, 39.1, 39.2, 39.3, 39.4, 39.5, 39.6, 39.7, 39.8, 39.9, 40.0, 40.1, 40.2, 40.3, 40.4, 40.5, 40.6, 40.7, 40.8, 40.9, 41.0, 41.1, 41.2, 41.3, 41.4, 41.5, 41.6, 41.7, 41.8, 41.9, 42.0, 42.1, 42.2, 42.3, 42.4, 42.5, 42.6, 42.7, 42.8, 42.9, 43.0, 43.1, 43.2, 43.3, 43.4, 43.5, 43.6, 43.7, 43.8, 43.9, 44.0, 44.1, 44.2, 44.3, 44.4, 44.5, 44.6, 44.7, 44.8, 44.9, 45.0, 45.1, 45.2, 45.3, 45.4, 45.5, 45.6, 45.7, 45.8, 45.9, 46.0, 46.1, 46.2, 46.3, 46.4, 46.5, 46.6, 46.7, 46.8, 46.9, 47.0, 47.1, 47.2, 47.3, 47.4, 47.5, 47.6, 47.7, 47.8, 47.9, 48.0, 48.1, 48.2, 48.3, 48.4, 48.5, 48.6, 48.7, 48.8, 48.9, 49.0, 49.1, 49.2, 49.3, 49.4, 49.5, 49.6, 49.7, 49.8, 49.9, 50.0, 50.1, 50.2, 50.3, 50.4, 50.5, 50.6, 50.7, 50.8, 50.9, 51.0, 51.1, 51.2, 51.3, 51.4, 51.5, 51.6, 51.7, 51.8, 51.9, 52.0, 52.1, 52.2, 52.3, 52.4, 52.5, 52.6, 52.7, 52.8, 52.9, 53.0, 53.1, 53.2, 53.3, 53.4, 53.5, 53.6, 53.7, 53.8, 53.9, 54.0, 54.1, 54.2, 54.3, 54.4, 54.5, 54.6, 54.7, 54.8, 54.9, 55.0, 55.1, 55.2, 55.3, 55.4, 55.5, 55.6, 55.7, 55.8, 55.9, 56.0, 56.1, 56.2, 56.3, 56.4, 56.5, 56.6, 56.7, 56.8, 56.9, 57.0, 57.1, 57.2, 57.3, 57.4, 57.5, 57.6, 57.7, 57.8, 57.9, 58.0, 58.1, 58.2, 58.3, 58.4, 58.5, 58.6, 58.7, 58.8, 58.9, 59.0, 59.1, 59.2, 59.3, 59.4, 59.5, 59.6, 59.7, 59.8, 59.9, 60.0, 60.1, 60.2, 60.3, 60.4, 60.5, 60.6, 60.7, 60.8, 60.9, 61.0, 61.1, 61.2, 61.3, 61.4, 61.5, 61.6, 61.7, 61.8, 61.9, 62.0, 62.1, 62.2, 62.3, 62.4, 62.5, 62.6, 62.7, 62.8, 62.9, 63.0, 63.1, 63.2, 63.3, 63.4, 63.5, 63.6, 63.7, 63.8, 63.9, 64.0, 64.1, 64.2, 64.3, 64.4, 64.5, 64.6, 64.7, 64.8, 64.9, 65.0, 65.1, 65.2, 65.3, 65.4, 65.5, 65.6, 65.7, 65.8, 65.9, 66.0, 66.1, 66.2, 66.3, 66.4, 66.5, 66.6, 66.7, 66.8, 66.9, 67.0, 67.1, 67.2, 67.3, 67.4, 67.5, 67.6, 67.7, 67.8, 67.9, 68.0, 68.1, 68.2, 68.3, 68.4, 68.5, 68.6,

$$p_{\text{eff}} = \frac{1}{2} \rho \langle \dot{r}^2 \rangle = \frac{1}{2} \rho \langle \dot{r}^2 \rangle_{\text{eff}} = \frac{1}{2} \rho \langle \dot{r}^2 \rangle_{\text{eff}} \quad (1)$$
[illegible]

Keywords: child sexual abuse; disclosure; social support

[illegible]
$$f_{\text{eff}} = \frac{f}{1 + \frac{f}{f_{\text{max}}}} \quad \text{with } f_{\text{max}} = 100 \text{ Hz} \quad \text{and } f_{\text{eff}} = 0 \text{ for } f = 0$$

casto espasmo, enfim o âmagô tocando no âmagô: Vitória! (LISPECTOR, 1998, p.85)

É como se através do vômito ela pudesse se libertar e colocar para fora tudo aquilo que a anula enquanto pessoa.

Outro fator importante na sua escritura é que ela não se preocupa com o espaço exterior que, nesta obra, é o Rio de Janeiro; ela se concentra no espaço mental das personagens. Em suas obras predominam o tempo psicológico, visto que o narrador segue o fluxo de consciência e o monólogo interior das personagens. Sua literatura não é realista, mas simbólica, à medida em que o texto é o instaurador de seus próprios referentes e não se interessa em refletir o mundo exterior num trabalho mimético: “Nas transparências aparecem a realidade real, trabalham sobre uma realidade simbólica. Ao texto espetacular, realista e simples, Clarice Lispector prefere o texto expressionista, simbólico e complexo.” (SANT’ANNA, 1973, p. 108)

Na obra, Macabéa tem seu destino final, com uma condição, pôde provar o gosto supremo da sua existência e liberdade de escolha que trilhou o seu viver, porém não totalmente delimitado, pois Macabéa teve seu estilo próprio de viver, conforme seu entendimento, só consumado por inteiro no último sopro de vida. Na verdade, a falta de vitalidade de Macabéa aliada a sua inconsciência já a marca como uma personagem destinada a morte, pois Macabéa também é uma estrela no sentido de que sua essência é sutil demais para esse mundo que pertence aos que tem vitalidade, esperteza e potência.

Apesar do contexto realista em que está inserida, a construção da personagem apresenta um traço tipicamente romântico. Não é por acaso que ela sofre de tuberculose, doença típica dos personagens românticos.

Ironicamente, a personagem acaba atropelada por uma realidade ainda mais cruel, a violência da doença que prolifera em seu organismo, acaba sendo vencida pela violência maior do atropelamento. Para Macabéa, a solução que a impede de viver uma existência desencantada é a morte e, ao terminar a existência terrena da personagem de fraco brilho, só resta a autora transformá-la em estrela.

Portanto, “A Hora da Estrela” é obra fundamental no conjunto da ficção, de Clarice medida em que incorpora e desenvolve os temas que estão no centro à preocupações da autora ao longo de sua obra, tais como a reflexão sobre a arte e o problema da representação, suas possibilidades e limites, a possibilidade do conhecimento “pleno”, através da linguagem a possibilidade de uma literatura socialmente engajada e a pobreza do mundo, que são alguns aspectos sócio- ideológicos da forma literária.

III- Recursos Estilísticos

A literatura introspectiva, intimista destacar-se no Brasil afastando-se da sociedade em crise para refletir a crise particular do indivíduo, ou seja a consciência e inconsciência, deste indivíduo.

A autora Clarice Lispector é o principal nome de uma tendência intimista que vai explicitar o questionamento do ser, “o estar no mundo” o intimismo, a pesquisa do homem, como resultante dá-se o romance introspectivo.

A forma com que Clarice conduz a narrativa é bastante coerente com seu modo de ser e o estilo da época. Sua maior preocupação não é o enredo da história, mas o que dizem as palavras é o que ela mesma observa, “os meus livros não se preocupam com os fatos em si, porque para mim o importante é a repercussão no indivíduo.”

Clarice Lispector brinca com as palavras, coloca-se como representante de “eu” fala de si mesma na tentativa e na busca de um novo “ser” no mundo, dessa forma Nádia coloca que “tem pessoas que cosem para fora, eu coso para dentro”. (GOTLIB, 1995, p.466) Nesta fala fica explícito que mesmo com as inovações da época, Clarice mostra seu lado diferente.

As personagens imaginárias de Clarice Lispector geralmente são feminina, brasileira que vive mergulhada em fatos cotidianos. A autora é obcecada pelo “eu” e geralmente suas narrativas são compostas por

personagens com identificação diferente, mas trazem fatos como se fossem vividos pelo próprio escritor. Massaud Moisés (1989), afirma que, "as personagens femininas são via de regra, a própria Clarice Lispector, apenas mudando o nome" (MASSAUD MOISÉS, 1989, p.44)

A sedução dos textos de Clarice não deriva somente do inacabado, mas do fato do leitor ser admitido democraticamente a dar sua opinião e julgar por sua conta e risco na corda bamba da diluição das dicotomias clássicas problematizadas pelo narrador como: burrice/inteligência, concreto/abstrato, mentira verdade. Estas são questões que se afastam da mera exigência da divisão da leitura ou mera exigência da diversão da leitura ou da versatilidade das histórias.

Ao desvestir dicotomias como belo/ grotesco, o banal/ sublime de sua conotação convencional, ao destruir a oposição sempre apaziguadora dos termos "complementares" de linguagem, a autora afirma que a separação entre o bem e o mal é artificial, porque é uma mistura da própria linguagem.

Suas narrativas não seguem o tempo cronológico de sua via real e são fragmentos unidos uns aos outros pela intervenção do narrador, seu texto se dispersa em comparações históricas e, citações bíblicas também se fazem presentes em suas obras.

Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração . minto: ela era capim. (...) (Estou passando por um pequeno inferno com esta história. Queiram os deuses que eu nunca descreva o Lázaro porque senão eu me cobriria de lepra.) (LISPECTOR, 1998, p. 31 e 39)

Tanto no discurso quanto no enredo , a contradição tem presença cativa na obra da autora, os paradoxos representam a própria contradição da

romancista para silenciar as palavras, assim como o nordeste e sudeste que marcam a trajetória de Macabéa, que no seu interior o seu referencial de vida, ela que não se adapta ao novo meio e é aniquilada por ele.

Por mais que o romance se desligue voluntariamente da história, ele interioriza as carências, as projeções utópicas e os dilemas da sociedade em que se inscreve. E quando a carga conflitiva dos dilemas, aumenta, o romance passa a expor a consciência dilacerada e a falta de inteireza da existência humana, dilacerando-se também a sua estrutura. (WALDMAM, 1981, p.44)

As estruturas de Clarice Lispector deixam transparecer certa inquietação pela falta de respostas para as indagações da linguagem e do próprio homem, mas é justamente a falta de respostas que motiva o ato da escritora, como atesta o narrador Rodrigo S.M, de “A Hora da Estrela” enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuaria a escrever.” (LISPECTOR, 1999 p.11)

A linguagem cala-se diante da ausência de mecanismos de expressar o homem de maneira plena, mas o dizer não detém o poder de expressar plenamente a existência. Ao mesmo tempo escrever é a única forma que o narrador da obra de Clarice Lispector encontra para manifestar sua existência, é por isso que Rodrigo S.M. diz que “vai ser difícil escrever esta história. Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei que me todo através dela por entre espantos meus”. (Lispector, 1999 p.24)

A sua linguagem tem uma tendência natural ao silêncio. Por causa disso, a escritura de Lispector apresenta uma maneira própria de ser escrita e de ser lida, a escritora consciente desse processo, fala do seu procedimento criativo. “Pretendo como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples (...) é trabalho de carpintaria.” (LISPECTOR, 1999, p.14)

Trabalhando com enredo simples, Clarice Lispector parte de situações corriqueiras e às vezes até banais como uma festa de aniversário, fazer compras na feira, sair de um salão de beleza, até mesmo uma moça que viu de relance na rua, podem tornar assuntos geradores de suas narrações, pois o que importa no universo a autora Clarice Lispector é a repercussão dos acontecimentos no interior dos indivíduos.

Seu estilo é arrastado, anda devagar, porque a sua preocupação é desvendar a verdade subjacente em cada um, mascarada pela casca da rotina. A calma, o ritmo pausado, fragmentado nos fazem entrar no mundo de suas personagens. As ações se desenvolvem lentamente e o narrador volta e meia, as interrompe para fixar a sua e nossa atenção em elementos circunstanciais e periféricos. "Não vós assustais, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpe-me esta morte." (LISPECTOR, 1998, p.86) Através da citação fica claro que Rodrigo pára sua narrativa para falar com o leitor.

A obra é interessante não somente pelo tipo de linguagem, mas pelos assuntos abordados, que são situações do cotidiano que fazem com que se desencadeie em toda a obra um processo de reflexão.

Considerações finais

Na leitura crítica de “A Hora da Estrela”, a personagem protagonista é feminina que através da mesma a autora fala de si própria, a autora extrapola os limites da existência pessoal da mulher e de seu ambiente familiar.

Os temas tratados por ela são universais e essencialmente humanos, temáticos como as relações do eu e o outro, a falsidade das relações humanas, a condição social da mulher, o esvaziamento das relações familiares e, sobretudo da linguagem são abordados pela autora intimista e psicológica. Sua narrativa é intimista por trabalhar com sentimentos, pensamentos, pelos fatos psicológicos que são enriquecidos de mecanismos lingüísticos, em que a antítese, paradoxo, analogia são recursos de grande freqüência em sua obra.

Esta visão representam a própria construção da romancista para as palavras, assim como Macabéa, é despossuída de tudo, dinheiro, inteligência e beleza, a jovem nordestina é usada como meio do contraste, oferecer a identidade de Rodrigo que possui um lugar na sociedade, reconhecido e legitimado, de onde pode realizar suas trocas de conhecimentos, apresentando assim a desigualdade, social, cultural e econômica.

A linguagem tem uma tendência natural ao silêncio, sua literatura não é realista, mas simbólica, tendo como fundo a epifania que se torna o mergulho no íntimo do ser em busca da matéria prima de sua humanidade. A obra apresenta-se introspectiva por sua narrativa fugir do padrão

convencional ao tratar dos problemas do ser consigo mesmo e com o mundo.

Portanto, apesar de termos abordado vários aspectos na obra, não foi possível abordar todos, pela sua complexidade e, a cada leitura, descobrimos um fato novo e por isso ainda há muito a se descobrir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA, Junior Benjamim. **Portos Flutuantes**, Transição: Ibero afro. São Paulo: Ática, 2004
- BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica**, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRAIT, Beth. **A Personagem**. 6ª DE. SÃO Paulo: Ática, 1996.
- CANDIDO, Antônio, Rosenfeld, Anatol, Decio de Almeida Prado, Emílio Salles Gomes. **A Personagem do Romance**. In. Personagem de Ficção. 9ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- CAMPEDELLI, Samira Yussef & Benjamim Abdala Junior. **Clarice Lispector**. Literatura Comentada. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- GUINDIN, Márcia Ligia. **Roteiro de Leituras**, A Hora da Estrela, de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1998.
- GOTLIB, Nádia Batella. **Clarice, uma Vida que se conta**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- Pe. SOARES, Matos. **Bíblia Sagrada**, São Paulo: Edições Paulinas, 1977
- ROSENFELD, Anatol. **Texto/Contexto**, São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- MOISES, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. Ed. Cultrix LTDA, vol.2 ed. 1ª São Paulo: 1984.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos** , Retórica da verossimilhança. São Paulo: Editora perspectiva, 1971
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Laços de Família e a Legião Estrangeira**. In Análise Estrutural de Romances Brasileiros. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SCHULER, Donaldo. **Teoria do Romance**. 8ª ed. São Paulo: Ática 2000.
- SÁ, Olga de. **A Escritura de Clarice Lispector**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- WALDMANN, Berta. **Clarice**, São Paulo: Brasiliense, 1993.